



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

VIRANDO A PÁGINA: O PROCESSO DE RESILIÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE COTISTAS NEGROS NA UFRGS

Luciane Bello - UFRGS

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre a reserva de vagas para negros na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir de pesquisa realizada com estudantes cotistas autodeclarados negros com bom desempenho acadêmico. Apresentamos as desigualdades raciais presentes em nossa sociedade, refletidas na dificuldade de acesso à educação e consequentemente na pequena ocupação de cargos e funções de destaque por um negro. O sistema de cotas para ingresso no ensino superior é uma medida provisória e tenta democratizar este acesso, rompendo com a realidade de exclusão, oferecendo oportunidade a estudantes oriundos de camadas populares, negros e indígenas. É dado destaque neste trabalho ao papel da família, especialmente da mulher negra enquanto motivadora de habilidades e capacidades dos filhos em relação à educação, à postura diante da vida e desencadeando o processo de resiliência identificado nas trajetórias escutadas.

Palavras-chave: políticas públicas, ações afirmativas, cotas, universidade, resiliência.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Introdução

Este artigo apresenta alguns aspectos de pesquisa realizada com estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autodeclarados negros, entre 20 e 33 anos, identificados com nomes de origem africana¹, em sua maioria moradora da Região Metropolitana de Porto Alegre. Foram entrevistados dez cotistas, que ingressaram em 2008 e obtiveram bom desempenho acadêmico², em oito cursos diferentes: Ciências Contábeis, Direito, Engenharia Civil, Letras, Geografia, Biologia Marinha, Educação Física e Medicina Veterinária.

Com o objetivo de conhecer como os estudantes cotistas percebem suas trajetórias, buscamos de uma forma leve e comprometida dar ênfase às possibilidades e potencialidades de cada um, assim como a capacidade de mobilização de recursos pessoais e sociais que possuem. As entrevistas ocorreram nos espaços da UFRGS com estudantes do sexo masculino e feminino, através de um roteiro semiestruturado. Entre as perguntas realizadas estavam: Quais são as lembranças da trajetória escolar e familiar? Que obstáculos enfrentaram para chegar à universidade? Qual ou quais as motivações para ingressar na universidade pública e ter um bom desempenho acadêmico?

Inspirados na pesquisa de Souza e Silva (2003) com o título: “Por que uns e não outros”, em que apresenta a trajetória de estudantes universitários da Favela da Maré/ RJ, resolvemos estudar as variáveis que se apresentam quando se fala em ingresso e permanência do aluno na Universidade, seja ela curta ou longa. O autor questiona a chegada de algumas pessoas que vêm de setores populares à universidade, enquanto outras com características sociais, econômicas e culturais aparentemente análogas não conseguem. Coloca também que temas de estudos sobre evasão, exclusão e fracasso escolar pouco auxiliam na interpretação do problema.

Diante das desigualdades sociais e raciais em nosso país, que se reflete na dificuldade de acesso de camadas populares e principalmente de negros no ensino superior, acreditamos na necessidade da implantação de política de ações afirmativas. Dessa forma compartilhamos o conceito de ações afirmativas que Oliven (2007) apresenta:

O termo ação afirmativa refere-se a um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que, em uma determinada sociedade, tenham sido discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, universidades e posições de liderança. Em termos práticos, as ações afirmativas incentivam as organizações a agir positivamente a fim de favorecer pessoas de segmentos sociais discriminados a terem oportunidade de ascender a postos de comando.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

No início tínhamos a ideia de que existia um perfil resiliente que explicasse este fenômeno em que estudantes negros conseguem ingressar e permanecer na Universidade com desempenho acadêmico acima da média. Ao longo da pesquisa percebemos que não funciona desta forma. De acordo com Bonanno (2004), Masten e Garmezy (1985), resiliência não pode ser vista como uma qualidade única ou extraordinária, mas um processo comum, ordinário, que resulta do funcionamento de sistemas adaptativos humanos básicos. E é este “processo” que buscamos identificar para poder auxiliar outros estudantes em suas trajetórias na Universidade.

Ciclo de desvantagens vivenciado pela população negra no Brasil

É importante deixar claro que somos todos brasileiros, mas de cores diferentes e se essas diferenças têm servido como critério para que profundas desigualdades sociais sejam mantidas em termos estruturais e reproduzidas em nosso cotidiano, são as desigualdades que devem ser combatidas, não as diferenças, essas só nos enriquecem. (OLIVEN, 2007, p. 49)

No Brasil da primeira década do Século XXI, destaca-se uma mudança na distribuição da população, segmentada por cor ou raça, o que confirma uma tendência já detectada. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD mostram um crescimento da proporção da população que se declara preta ou parda nos últimos dez anos: respectivamente 5,4% e 40,0% em 1999; e 6,9% e 44,2% em 2009. Provavelmente um dos fatores para esse crescimento é uma recuperação da identidade racial, já comentada por diversos estudiosos do tema.

A Organização Internacional do Trabalho - OIT desenvolve, mundialmente, o Programa de Fortalecimento Institucional para a Igualdade de Gênero, Erradicação da Pobreza e Geração de Emprego (Programa GPE), com vistas à promoção da igualdade de oportunidades e à eliminação de todas as formas de discriminação. No Brasil, o Programa GPE foi ampliado para incorporar, também, a dimensão racial, sendo desenvolvido pela OIT em parceria com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR, da Presidência da República.

A média de anos de estudo é outra maneira de se avaliar o acesso à educação e as consequentes oportunidades de mobilidade social. A população branca de 15 anos ou mais de idade tem, em média, 8,4 anos de estudo em 2009, enquanto pretos e pardos têm, em média, 6,7 anos de estudo. Em 2009, os patamares com relação aos anos de estudo, são superiores aos de 1999 para todos os grupos, mas o nível atingido tanto pela população de cor preta quanto pela de cor parda, é ainda inferior àquele alcançado pelos brancos em 1999, em média 7,0 anos.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

A proporção de estudantes entre 18 a 24 anos de idade que cursam o ensino superior também mostra uma situação em 2009, inferior para os pretos e para os pardos, em relação à situação de brancos em 1999. Enquanto cerca de 2/3, ou 62,6%, dos estudantes brancos estão nesse nível de ensino em 2009, os dados mostram que há menos de 1/3 para os outros dois grupos: 28,2% dos pretos e 31,8% dos pardos. Em 1999, eram 33,4% de brancos, contra 7,5% de pretos e 8,0% de pardos.

Ainda hoje vivemos uma naturalização da branquidade, da crença de uma superioridade branca que faz parte de uma identidade racial, porque a raça é inteiramente construída, social e historicamente, como uma ideologia, de um modo que não ocorre com a classe (Fields apud Roediger, 2004, p.47). Portanto, em nosso contexto atual ainda percebemos que as oportunidades para uma pessoa branca são diferentes das que se apresentam para uma pessoa negra porque as raças existem, de modo pleno no mundo social. (Guimarães, 1999)

Atualmente o Brasil ocupa o terceiro lugar do Índice Gini³ quanto à desigualdade de renda, a África do Sul fica em quarto lugar. No Brasil é cinco vezes mais provável encontrar brancos que negros no topo da pirâmide de renda, já entre os mais pobres, 70% são negros. Existem poucos negros em posições de prestígio e poder, que poderiam servir de exemplo às gerações mais jovens, por isso os obstáculos ainda são vistos por muitos como “quase” intransponíveis, dificultando a realização de seus sonhos e concretização de seus projetos de vida.

Os negros brasileiros têm feito pouco progresso na conquista de profissões de maior prestígio social, no estabelecimento de seus próprios negócios e na ocupação de posições de poder político. Eles ainda concentram-se em atividades manuais que exigem pouca qualificação e escolaridade formal. As desvantagens acumuladas através da história brasileira tornaram o sucesso difícil para a população afro-brasileira (Lima, 1999).

A desigualdade entre brancos, pretos e pardos se exprime na observação do “empoderamento”, relacionado ao número de pessoas em posições privilegiadas na ocupação. Na categoria de empregadores, estão 6,1% dos brancos, 1,7% dos pretos e 2,8% dos pardos em 2009. Ao mesmo tempo, pretos e pardos são, em maior proporção, empregados sem carteira e representam a maioria dos empregados domésticos. Mandisa comenta uma situação que viveu uma pessoa conhecida da família por ser negra: “Uma conhecida nossa trabalhava num alto cargo, ela era negra e era chefe, ela tinha muita dificuldade porque as pessoas não respeitavam ela.”

Mais especificamente os estudos sobre a condição da mulher negra e trabalhadora no Brasil colonial mostram que tal preferência no mercado de trabalho, por profissões como empregadas domésticas, pedreiros, pintores, vigilantes, tem motivações histórico-culturais; e estudos mais recentes revelam que essa condição se perpetuou. Ainda assim, as mulheres negras permanecem na luta pelo reconhecimento de sua importância e em busca de seu espaço



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

profissional e ascensão socioeconômica — que se processa mais lentamente que a do homem negro e da mulher branca. (Silva, 2006)

Silva (2003) mostra que a mulher negra no Brasil apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento financeiro menor, e poucas conseguem romper as barreiras do preconceito, da discriminação racial e ascender socialmente. Essa situação atual manifesta um prolongamento da realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país.

As mulheres negras estão mais presentes nos bancos escolares, porém são preteridas no momento de inserção no mercado de trabalho, ocupando lugares profissionais abaixo da sua formação acadêmica. Em pesquisa na UFBA comprovou-se que as mulheres negras (pretas e pardas) ocupam as vagas nos cursos de menor prestígio social e menores oportunidades no mercado, ou seja, nos cursos do “âmbito feminino” (Queiroz, 2006).

Há uma discrepância muito grande em relação ao acesso à educação e ao mercado de trabalho entre brancos e negros, não podemos mais ver essa situação como até o início dos anos 60 quando se acreditava que, por meio do acesso à escola pública e gratuita resolver-se-ia o acesso à educação e haveria garantia de igualdade de oportunidades a todos, através de seleção por meios racionais – justa, moderna e democrática, onde a competição se daria em condições iguais baseadas em características individuais (Nogueira e Nogueira, 2002), porque:

Não é possível pegar uma pessoa que esteve aguilhoada durante anos, colocá-la na linha de largada de uma corrida, dizer-lhe que “agora você está livre para competir com todos os outros” e, ainda, assim, acreditar com justiça que está sendo completamente imparcial.

Lindon Johnson

Reserva de vagas na UFRGS: o processo de resiliência de cotistas negros

A resiliência não consiste em, apagar a página, mas sim virá-la.
(Bouvier, 1999, p. 154)

Para tratarmos do tema Política de Ações Afirmativas em nosso país é importante situarmos que o Brasil é signatário, de documento elaborado na Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial das Nações Unidas, realizada em Durban em 2001, que dispôs em seu artigo 1º, nº 4:



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Não serão consideradas discriminação racial as medidas especiais tomadas com o único objetivo de assegurar o progresso adequado de certos grupos raciais ou étnicos ou de indivíduos que necessitem da proteção que possa ser necessária para proporcionar a tais grupos ou indivíduos igual gozo ou exercício de direitos humanos e liberdades fundamentais, contanto que tais medidas não conduzam, em consequência, à manutenção de direitos separados para diferentes grupos raciais e não prossigam após terem sido alcançados os seus objetivos.

Com o Decreto 4228/ 2002⁴ que determina a implantação do Programa Nacional de Ações Afirmativas na Administração Pública Federal, as universidades começaram a discutir o ingresso de estudantes através de reserva de vagas. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), somente em 2007, pela Decisão 134 do Conselho Universitário, instituiu o Programa de Ações Afirmativas, buscando viabilizar o acesso a todos os cursos de graduação e cursos técnicos.

Em breve histórico sobre a UFRGS podemos destacar que essa foi pioneira na educação superior no Rio Grande do Sul, teve seu início com a fundação da Escola de Farmácia e Química, em 1895, e em seguida da Escola de Engenharia. Ainda no século XIX, foram fundadas a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito que, em 1900, marcou o início dos cursos humanísticos no Estado. Somente em 28 de novembro de 1934, foi criada a Universidade de Porto Alegre. Em 1947, passou a ser denominada Universidade do Rio Grande do Sul, a URGS, e em dezembro de 1950, a Universidade foi federalizada, passando à esfera administrativa da União. Desde então, a UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul passa a ocupar posição de destaque no cenário nacional, como um dos maiores orçamentos do Estado do Rio Grande do Sul, a primeira em publicações e a segunda em produção científica entre as federais, considerando-se o número de professores. Possui seis Unidades Acadêmicas: Centro, Saúde, Olímpico, Vale da Agronomia, Eldorado do Sul, Imbé; com 27 Unidades de Ensino (13 institutos, 10 faculdades e quatro escolas), 89 cursos presenciais de Graduação e oito à distância. Inscritos no Vestibular são 36.314 e vagas para Ingresso, 5.048.

A reserva de vagas (cotas) é uma forma de ação afirmativa e foi criada na UFRGS após reivindicações de movimentos sociais e decisões políticas no âmbito nacional. Carvalho (2004, p.31), em palestra que realizou na UFRGS sobre a implantação do sistema de reserva de vagas destaca o racismo acadêmico brasileiro, lembrando que o mesmo vem se mantendo estável, constante, intenso e generalizado, o que o torna muito mais grave do que o normalmente colocado pelos pesquisadores. Segundo o autor, as universidades públicas brasileiras surgiram no início do século XX dentro de um clima de exclusão prévia, que é esquecida quando se discute a meritocracia. Infelizmente não há exceção em nenhuma universidade pública federal, como nos aponta Araújo (2004, p. 13), porque as universidades públicas brasileiras propõem uma política universal e não são capazes de estender os seus



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

serviços de maneira mais democrática, ou seja, não são universidades nas quais todos os cidadãos interessados em cursar o Ensino Superior têm as mesmas chances de ingressar.

A UFRGS implementou em 2008 a reserva de no mínimo 30% (trinta por cento) das vagas existentes para candidatos egressos do ensino público, sendo que no mínimo a metade, ou seja, 15% (quinze por cento) fossem garantidas aos estudantes autodeclarados negros. Foram criadas também 10 (dez) novas vagas a cada ano para candidatos indígenas. Em 2012, o Conselho Universitário alterou a Decisão fazendo com que as 3.746 vagas no Concurso Vestibular de 2013 ficassem assim divididas: 444 vagas para egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*; 444 vagas para egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*, com registro de autodeclaração étnico-racial (negro, pardo ou indígena); 395 vagas para egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal superior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*; 395 vagas para egresso do ensino médio de escola pública com renda familiar bruta mensal superior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*, com registro de autodeclaração étnico-racial (negro, pardo ou indígena).

A partir do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)⁵, em 2009 a UFRGS obteve um incremento na Assistência Estudantil através do REUNI⁶ e do PNAES⁷. Com isso foi ampliado o oferecimento de benefícios para os estudantes, tais como: Bolsa Permanência, Bolsa Treinamento, Bolsa REUNI, moradia estudantil, auxílio-transporte, auxílio-alimentação, auxílio-saúde, auxílio-creche, auxílio material escolar, auxílio à participação em eventos. Decorrem desses planos e programas ainda a contratação de docentes e técnicos, investimentos em infra-estrutura, bibliotecas e laboratórios para garantir a permanência na Universidade, principalmente do estudante trabalhador e do estudante de curso integral.

Percebemos que essas tentativas de democratizar o acesso ao ensino superior para as camadas populares são questionadas em nosso país porque ameaçam a situação confortável da elite, que até pouco tempo tinha seu espaço garantido na educação e, conseqüentemente, estavam em boas posições no mercado de trabalho. Em alguns manifestos e na audiência pública sobre Políticas de Ação Afirmativa de Reserva de Vagas no Ensino Superior realizada em 2010 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), intelectuais e representantes de movimentos sociais expuseram seus argumentos contra e a favor a essas iniciativas. Em 2012 houve novo julgamento de recurso, pelo STF, que questionou os critérios adotados pela UFRGS para reserva de vagas e ficou decidido pela constitucionalidade das cotas porque a adoção de mecanismos de compensação fundados em políticas públicas e ações afirmativas têm por objetivo a promoção de uma sociedade “justa, livre, fraterna e solidária” – prevista na Constituição.

Em 2012 a presidente Dilma Rousseff sancionou a lei nº. 12.711⁸ que destina 50% das vagas em universidades federais para estudantes oriundos de escolas públicas. De acordo com a lei, metade das vagas oferecidas será de ampla concorrência, o chamado Acesso



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Universal, já a outra metade será reservada por critério de cor, rede de ensino e renda familiar. As universidades terão quatro anos para se adaptarem à lei.

Esta experiência de conviver com a diversidade na universidade oportuniza que temas como preconceito e discriminação possam ser discutidos. Nas entrevistas com cotistas negros quando falavam de sua experiência em sala de aula relataram comentários sobre o uso de roupas e calçados por colegas brancos. Alguns colegas queriam saber se os tênis usados por um suposto⁹ cotista eram do “camelô”. Esta situação nos remete a Bourdieu, quando este fala sobre como o *habitus* – conjunto de disposições sociais e culturais incorporado nos sujeitos – é capaz de revelar as fronteiras fortemente demarcadas entre as classes. Um popular jamais se passaria por membro de elite, por mais que se esforce, sua postura, gosto e preferências o denunciarão. A distinção se dá pela própria aparência, ou seja, pelo *habitus*. Mas será que é assim ainda hoje? Pensamos que estas são formas de discriminação em nossa sociedade, porque mesmo que o tênis fosse original, provavelmente não seria reconhecido como tal porque o estudante era negro e pobre.

Durante a entrevista de Dafina aparece uma situação de preconceito e discriminação quando era criança por conta de uma questão estética. Ela se lembra de uma história que sua mãe conta que aconteceu quando ainda estava na primeira série do Ensino Fundamental. Ia sempre com o “*cabelo puxadinho*” para a escola e um dia a mãe lavou o seu cabelo e não o prendeu. A reação dos colegas deixou-a tão constrangida que ela teve que se esconder.

Cabelo afro é maior, fui com aquele penteado tipo ‘black-power’ e várias crianças brincaram e riram, eu não me lembro muito. Minha mãe sempre ia me buscar e nesse dia quando ela chegou, eu estava escondida embaixo da mesa na secretaria da escola.

Vigarello (2006, p. 182 e 194) trata da história da beleza, mostrando que o corpo se transformou em “nosso mais belo objeto de consumo”, fazendo referência às diferenças de idade, peso, divisão social e sexual da roupa, entre outras, menos a questão racial. O autor coloca que: “A beleza é o que se mostra, a personalidade de alguém. Sua gestualidade, sua maneira de ser.” Podemos dizer que nos dias atuais existe um acesso maior às possibilidades de moda, o acesso a roupas, cirurgias e também produtos de beleza em virtude da evolução industrial, da medicina e mudanças na distribuição de renda em nosso país. A beleza segundo o autor “abarca as grandes dinâmicas sociais, as rupturas culturais, os conflitos de gênero e de geração.” Percebemos que a questão racial está presente em discussões atuais, pois a beleza do povo negro está sendo reconhecida aos poucos com muita luta, seja na busca pela valorização da beleza da cor de sua pele, seu cabelo. Estas mudanças possibilitam aos negros a construção de sua identidade corporal.

Este processo de identidade vai se constituindo ao longo das trajetórias destes estudantes sob vários aspectos. Ouvimos entrevistados falando no momento em que “se



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

descobriram negros”. Uma cotista do curso de Geografia conta que uma experiência anterior, quando fez um cursinho pré-vestibular com bolsa e não se sentia bem naquele ambiente, porque não havia identificação com os colegas e professores.

Eu aprendi a estudar. Eu não sabia estudar. Eu não explorei tudo que podia, eu tinha receio do professor. Aquele não é meu meio social. Nunca tinha estudado em uma instituição particular. Tinha medo de exclusão. Tinha mais duas colegas negras que faziam o cursinho à tarde, e tinha mais dois ou três à noite. Notícia que eu tenho só um que passou no vestibular[...]
(Mayimuna)

Uma situação diferente da citada acima aconteceu com um estudante que comentou sua surpresa ao chegar a um cursinho pré-vestibular popular e se reconhecer nas trajetórias semelhantes de colegas. Esta experiência mudou seu olhar e sua postura, poderíamos dizer que foi um “divisor de águas”.

*E posso dizer que esse cursinho mudou a direção da minha vida [...] O grande número de pessoas ali eram negras, e algumas brancas, mas que eram carentes. Então ali eu conheci quem são meus amigos até hoje, os professores que eu conheci ali. Hoje quando eu vejo como eu cheguei e depois eu volto a olhar o que eu sou hoje, eu me considerava um nada. Eu não olhava as pessoas nos olhos, sempre chegava de cabeça baixa, mesmo **as pessoas mais baixas eram sempre maiores do que eu**. Eles (professores) me mostraram que não, que isso é uma coisa que a sociedade coloca na tua cabeça durante tantos anos e tu acaba acreditando. Rompi a bolha e comecei a olhar as coisas de outra maneira.* (Lasana)

A ausência de conflito e a convivência harmoniosa das diversidades são elementos que desde muito compõem nosso ideário e banalizam a construção do que o Brasil pensa sobre si mesmo, embora se percebendo como uma sociedade favorável às trocas, contatos, negociações e misturas, isso não significa que haja uma maior democratização das práticas de consumo e das relações sociais. (Leitão et al, 2006).

No Brasil existe a tese da democracia racial que teve destaque na escola baiana integrada por Donald Pierson, Raymundo Nina Rodrigues, Thales de Azevedo. Eles defendiam a ideia de que o preconceito racial no Brasil era fraco ou inexistente (aqui, também, assentam-se os fundamentos das teorias de mestiçagem). Já a corrente paulista, composta por Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, documentou o “surgimento” de tensões raciais, através do preconceito racial e discriminação contra o negro. O mito da democracia racial brasileira pressupõe relações cordiais, igualdade de oportunidades, atribuindo-se somente ao passado as desigualdades sociais e econômicas entre brancos e negros. Mas as disparidades são muito grandes hoje, não ficam apenas no passado.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Em várias pesquisas aparecem dois Brasis: um “Brasil branco” e um “Brasil negro”, e segundo Henriques (2001), o “Brasil branco” é 2,5 vezes mais rico que o “Brasil negro”. A pobreza no Brasil tem cor e ela é negra. Nascer negro no Brasil está relacionado a uma maior probabilidade de crescer pobre.

Nas entrevistas com cotistas negros da UFRGS percebemos um desejo da família em compartilhar a conquista do ingresso do filho ou filha em uma universidade pública federal. Esse movimento, principalmente das mulheres da família, fica bem explícito como podemos ver a seguir.

*Minha mãe queria fazer faixa. Me lembro que **ela ligou pra todo mundo**, até os parentes lá no Rio de Janeiro, dizendo: “Meu filho passou na universidade federal!” (Lasana)*

*A **minha vó que mandou colocar faixa**. Meus parentes de Santa Maria também ficaram bem felizes. (Naila)*

*Minha mãe fez um faixa enorme escrito que (eu) tinha passado na UFRGS, com um golfinho porque (o curso) é Biologia Marinha. Todos os meus vizinhos cumprimentando. Ela botou na janela do quarto dela, que dá pra frente do condomínio. Todos os vizinhos cumprimentando e perguntando como é que foi e também do curso, ninguém sabia da existência do curso. Eu **recebi muitas ligações, dos meus tios, do meu pai**. (Asantewaa)*

Não importa o bairro ou a cidade, a maioria dos calouros, chamado “bixo” no Rio Grande do Sul executa o ritual de colocar a faixa com o nome e curso, em frente de casa ou na janela do apartamento. Familiares, cursinho pré-vestibular ou amigos fazem questão de presentear o calouro com a faixa, como nos conta Mandisa.

***Ganhei uma faixa**. Até a faixa foi bem legal. Minha amiga me deu de presente. Eu conheço ela desde a primeira série. Ela é branca. Ela me deu a faixa, mora no mesmo bairro que eu. (Mandisa)*

Os estudantes cotistas identificam as diferenças na bagagem cultural que trazem para a convivência com colegas e professores na Universidade, alguns não tinham hábito de ir ao cinema, teatro, viajar. Nery (2001) apresenta uma pesquisa que pode oferecer um caminho para compreendermos melhor as posturas das classes sociais. O autor aponta que diante de um “acontecimento” a classe média tem uma postura de “expectadora” e a classe popular de “participante”. Mas não podemos esquecer do aspecto financeiro determinante para o acesso a estas atividades culturais.

Quanto ao tipo de leitura que realizavam, os entrevistados vão se dando conta aos poucos que a sua realidade não corresponde nem a quantidade nem o estilo exigido pelos “intelectuais da academia”, por exemplo:



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

*Cada vez que eu lembro do primeiro semestre, para me adaptar, pessoas, tipo e pessoas diferentes.... Pessoas totalmente diferentes, hoje eles são meus amigos. Viajados pelo mundo. Melhores colégios de Porto Alegre: Rosário, Anchieta. Visões diferentes. Por mais que eu tivesse o hábito da leitura, eu lia Paulo Coelho. Eu gosto bastante de ler, pelo menos isso. **Cultura totalmente diferente.** (Mayimuna)*

O primeiro ano de universidade eu passei a maioria dos finais de semana em casa lendo tudo aquilo que eu achava que tinha perdido. Minha mãe achava que eu tava doente: “Esse guri não sai, não faz nada, fica só neste quarto trancado”. (Lasana)

Embora se reconheça a diferença, nas entrevistas confirmamos o que Guimarães (2008) defende: que as deficiências de formação dos estudantes cotistas são compensadas ao longo do curso pela motivação e bom desempenho. Acreditamos que através das ações afirmativas, busca-se corrigir a perversão do sistema aumentando a inclusão, tentando, dessa forma, evitar que a elite intelectual se confunda com a elite econômica do país, ou seja, que pessoas talentosas e pobres não sejam simplesmente barradas.

A discriminação dentro da Universidade pode ser percebida de formas diferentes por causa dos perfis dos estudantes de cada curso e também pela percepção de cada entrevistado. Por exemplo, Haidar comenta que não viu nenhuma forma de discriminação na universidade, mas o contato com os colegas de curso se restringe ao espaço da Universidade. Isto nos faz pensar na definição de *pedaço* que Magnani (2002, p. 12) identifica como o espaço em que as pessoas buscam identificação de gostos, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhante. Frequentam o *pedaço* com o objetivo de encontrar os iguais, exercitar os códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças porque a noção de *pedaço* evoca laços de pertencimento e estabelecimento de fronteiras.

Nenhuma forma de discriminação, todos se dão muito bem, todos são amigos. O assunto de cotas não é tocado em sala de aula. Quanto a isto, por ser cotista não tem problema nenhum, com os colegas, com os nossos veteranos também não teve preconceito, nada [...] eu saio mais com os meus primos, que são negros como eu.

Naila, estudante do Curso de Medicina Veterinária, comentou sobre a postura dos colegas na Universidade e admitiu que na Universidade sofre mais preconceito.

*Eu acho que a **universidade é mais (preconceituosa)**, às vezes eu penso que meus colegas se sentem bem quando eu digo que não passei. “Não tá acompanhando a gente.” Acho que é bem mais.*



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

A estudante do curso de Direito comenta que estudou em escola privada metade do ensino fundamental e depois foi para o Colégio Militar. Sempre teve poucos colegas negros, agora na Universidade tem mais colegas negros.

Na faculdade é a turma que eu mais tenho colegas negros, 11 entraram. Tenho mais colegas negros, isso foi o bom das cotas, antigamente eu era a única, eram poucos, tenho mais colegas, justamente por causa das cotas. De novo eu perdi, separada, numa turma que a maioria é branca... minoria, muito pequena de estudantes negros no Direito da UFRGS. (Dafina)

Vemos que as mudanças nas famílias se expressam na sua composição e também nos papéis desempenhados pelos seus membros, ocorrendo readaptações e reestruturações. A mudança da postura da mulher pode explicar as transformações na instituição familiar porque elas ambicionam mais significação na família e lutam pelos seus direitos.

Mesmo com baixa escolaridade e poucos recursos financeiros as famílias, principalmente as mães, podem incentivar/ motivar o ingresso dos filhos na universidade pública federal, esse sonho que parece muitas vezes tão distante. Durante as entrevistas ouvimos Lasana contar sobre seus sentimentos quando passava em frente a PUC/ RS: “*Isso é uma coisa que nunca vai fazer parte da minha vida.*” Mayimuna comenta sobre as várias vezes que o irmão tentou ingressar na UFRGS, a sua própria disposição de tentar quantas vezes fossem necessárias para conseguir realizar o objetivo e a sua surpresa ao passar no primeiro vestibular. Sempre contando com o apoio e compartilhando com a mãe este desejo.

“Mãe, mas eu tô querendo tentar UFRGS, aí eu faço um cursinho e tento vestibular, quantas vezes for.” Meu irmão mesmo tentou [...] dez vezes, mais. Bom, eu não vou passar no primeiro. Tinha que ter uma visão do mundo. Não sabia de nada, não sabia nem estrutura, não sabia nada. Meu mundo era fechado naquele bairro. (Mayimuna)

Chenzira também fez referência a sua falta de informação, dificuldade financeira para prestar o Concurso Vestibular e a surpresa ao passar na primeira seleção para ingresso na UFRGS.

Eu achava que não ia passar. Achava um abuso a mãe gastar R\$ 100,00. A gente pagou, não sabia da isenção da taxa, a gente pagou no último dia. Eu nem queria pagar, as minhas amigas que foram comigo, diziam: “Dá o dinheiro, dá.” “Não, não quero!” Dei o dinheiro. Aí eu paguei e passei, né. Só eu fiz o vestibular e passei. Foi bem surpresa. (Chenzira)



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Levando em consideração todas estas questões que apareceram nas entrevistas realizadas com cotistas negros da UFRGS conseguimos identificar um processo de resiliência em suas trajetórias. O termo resiliência inicialmente utilizado na física, hoje é trabalhado também na psicologia e na educação. Durante a pesquisa cuidamos para não utilizar o termo como *estigmatizador*, isto é, como uma capacidade desenvolvida somente pelos mais competentes, mais fortes, recaindo sobre os demais o rótulo de *não resiliente*. (Junqueira, 2003, p.6)

Reconhecemos um processo de resiliência nas famílias dos cotistas negros, pois família resiliente definida por Yunes (2003) é aquela que resiste aos problemas decorrentes de mudanças e “*adapta-se*” às situações de crise. Em seus depoimentos verificamos que as famílias ultrapassaram obstáculos como situações de violência, discriminação, afastamento dos pais devido às dificuldades do mercado de trabalho, para atingir o objetivo que era ter o filho/a com formação em nível superior em uma instituição pública de qualidade. A autora cita ainda os pioneiros nos estudos de família resiliente, são eles McCubbin e McCubbin (1988), que investigaram características, dimensões e propriedades de famílias que ajudariam a lidar com situações de crise, tragédias ou simplesmente transições no ciclo de vida e os efeitos na dinâmica familiar, como o nascimento do primeiro filho, sua adolescência ou a saída do filho de casa para a universidade.

Para Walsh (1996, 1998), o conceito “*família resiliente*” se refere ao processo interacional que se desenrola na família enquanto unidade funcional ao longo do tempo, fortalecendo ambos, o indivíduo e a família. Trata-se de um processo mediante o qual a família enfrenta seus períodos de crise ou desorganização, resiste às privações prolongadas e efetivamente se reorganiza. Nas entrevistas percebemos que às vezes o incentivo se inverte na família a partir do ingresso dos filhos na Universidade, isto fica bem caracterizado em algumas situações quando os mesmos tentam convencer os pais a voltarem a estudar, como comenta Naila.

Minha mãe fez até a oitava série, fundamental incompleto até porque ela rodou e não fez mais. Eu digo pra ela voltar a estudar. Ela quer, mas acha muito cansativo. Eu digo: “Bom, tu tá ficando velha, né mãe, quanto mais tempo tu demora pra decidir pior.” Até a menina que ela cuida, disse que ela é muito inteligente: “Por que a senhora não estuda?” (Naila)

Em alguns casos os pais sentem-se motivados, voltam a estudar deixando os filhos orgulhosos. Lasana conta como sua mãe o incentivou a trocar o trabalho em uma pizzaria pelos estudos e o retorno dela à sala de aula depois que ele ingressou na Universidade.

Até que um dia minha mãe me chamou bem sério, e falou assim: “Olha, tu não é pai de família, não tem filhos, não tem mulher. O que tu pretende da tua vida, vai ficar a tua vida toda fazendo pizza?” Eu disse: “Mas o que eu



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

vou fazer, não tem nada pra fazer, não sei o que eu posso fazer, não sei no que eu sou bom.”

A minha mãe terminou ano retrasado o ensino médio, esse ano ela entrou num curso técnico de informática no Parobé, minha mãe tem 62 anos, é a mais velha da turma dela. É muito engraçado ouvir ela falar em hardware, consertando os computadores.

Percebemos que os estudantes cotistas negros entrevistados buscam superar as dificuldades e aproveitar as oportunidades que vão aparecendo ao longo de suas trajetórias. Mandisa comenta sobre o incentivo dos pais para que ela e seus irmãos estudem na tentativa de diminuir a discriminação.

Eles (pais) sempre me dizem, tem que estudar. Como nós somos negros, já tem um ponto a menos, preconceito.

Esse processo lembra quando Santos (2007, p. 58) se refere à corrente fria que é a consciência dos obstáculos e corrente quente que é a vontade de ultrapassá-los. Reconhecemos a necessidade de termos as duas. Corrente fria é necessária para que não nos enganemos e a quente, para não desistirmos facilmente. Tal capacidade revela-se em depoimentos como o do estudante Hamza:

Porque a UFRGS abre muitas portas, eu acho que eu posso ir mais longe do que eu 'tô' agora, é a questão de ir atrás, botar a cara e ir atrás, arriscar e é o que eu pretendo.

Os cotistas entrevistados não dão ênfase às próprias dificuldades vivenciadas até a chegada à Universidade, nem mesmo depois que já estão dentro dela, mas sim às oportunidades que tiveram e têm aproveitado. Dafina, por exemplo, refere que os colegas de outros estados ou países são mais esforçados e têm maiores obstáculos a enfrentar.

*Uma grande amiga minha veio transferida de Mato Grosso, ela tem tanta dificuldade que veio casada, se separou quando tava aqui e ela decidiu ficar por causa da universidade. Eu vejo a dificuldade financeira, dificuldade de estar longe da família, **ela persiste**, porque ela quer se formar aqui.*

Tem de tudo, tem gente que se esforça mesmo, tive experiência com estudantes que vieram de Angola e Moçambique, uns estudantes que tiveram um tempo no Direito e conversando com eles sobre como é estar num país totalmente diferente, longe da família, para estudar e ter que ficar exatamente os cinco anos para concluir o curso, não podendo postergar mais do que isso [...] e mesmo falando português, eles têm dificuldades com



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

a língua, com as notas. O esforço que eles fazem para conseguir aprovação é muito maior.

Relatam que com esforço, determinação e oportunidades, todos podem ser bons alunos e obter sucesso, mas fazem a ressalva: “dentro do que é possível”. Alguns estudantes se referem ao “mundo cor-de-rosa” ou “nuvem de sonhos de algodão-doce” que os colegas parecem viver, pois na sala de aula há um “faz-de-conta” com discussões sobre problemas da sociedade, onde fica claro o desconhecimento de causa pela maioria. Dafina comenta sobre as diferenças nas trajetórias dos universitários e aponta colegas que ganharam prêmios por ingressar na UFRGS.

Tem uma colega nossa que só tinha feito a UFRGS porque ia ganhar um carro de presente dos pais, não era importante, não importava que era isso ou aquilo (curso), o que importava é o que ia ganhar de recompensa dos pais.

A dificuldade em conciliar estudos e trabalho em uma universidade pública aparece em várias entrevistas. Estas questões apontam para a necessidade das instituições se reestruturarem para dar conta das novas demandas, novos desafios.

Acho que eles (professores) estavam acostumados com o perfil dos estudantes que não trabalhavam, tinham bastante tempo livre para fazer isso. Os professores dão muito trabalho para fazer em casa ou visita em indústria. Nós que trabalhamos não temos tempo para fazer isso, não tem como pedir uma folga, é difícil, não é viável, é complicado e acaba atrapalhando a parte profissional. (Hamza)

Considerações Finais

Reconhecemos que o exercício de reconhecimento da diversidade e a busca da diminuição das desigualdades vão além do sistema de reserva de vagas. Continua sendo necessária a reestruturação e qualificação do sistema de ensino básico público no país em curto prazo, mas não se pode negar que as políticas de cotas dão a possibilidade de representação de minorias em boas universidades e também no mercado de trabalho.

As instituições e os profissionais que fazem parte das Universidades têm o compromisso de repensar, rever as posições e ações a fim de proporcionar um avanço da prática. Mostrar essas trajetórias de vida de cotistas negros com sucesso acadêmico faz parte desse processo, é importante para os estudantes entrevistados e outros que se reconheçam nesse lugar, como coloca Lasana:



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

É legal que agora no final da graduação, meus passos invisíveis estão começando a aparecer: “Ele é negro e também pensa, o cara é cotista, ainda!”

Estas trajetórias merecem ser conhecidas principalmente pela coragem que estes estudantes têm de enfrentar situações desafiadoras e não sucumbir diante delas. É sabido que dificuldades todos nós temos, o que nos difere é a forma como lidamos com elas no nosso dia-a-dia, ou seja, nossas motivações. Ao entrevistá-los, entendemos melhor como encaram os desafios e despertam estes sentimentos de resistência em outros colegas. Nestas trajetórias identificamos um processo de resiliência e dessa forma, com base em Silva (2007), acreditamos que é possível despertar a resiliência em um grupo. Conhecendo a sua história, procurando analisá-lo no contexto, para então intervir de maneira apropriada, buscando razões capazes de motivá-lo e fortificá-lo.

Para a maioria dos entrevistados a entrada na UFRGS era percebida como algo inacessível e inacreditável. Antes de ingressarem na Universidade desconheciam Ações Afirmativas, eram contrários às cotas, muitas vezes por falta de informação no Ensino Médio ou cursinhos pré-vestibulares e também por influência da opinião contrária de professores, familiares e da mídia. O ingresso em uma universidade pública federal gera expectativas e sonhos compartilhados por seus familiares, pois a oportunidade de realizar um curso superior é vista como uma possibilidade de ascensão social.

Mesmo sabendo das dificuldades para ingressar na universidade eles tentaram, porque estão acostumados com superações frequentes, como por exemplo, de perdas familiares, necessidade de afastamento dos pais para garantir melhores oportunidades de estudo, vivências de preconceito, dificuldades econômicas e limitações de acesso ao capital cultural mais valorizado pela universidade.

Alguns entrevistados querem ser professores para dar um retorno à sociedade, ter acesso a bens e estilos de vida diferentes dos que têm hoje, estendendo suas conquistas aos familiares que tanto os motivaram. Eles querem participar de programas de mobilidade acadêmica e intercâmbios, continuarem os estudos com pós-graduação. Em nossa sociedade, nesse momento, além das cotas, estão se abrindo novas possibilidades como a internacionalização da Universidade, através de maiores oportunidades de intercâmbios, mobilidades entre instituições, enriquecendo assim a formação acadêmica e pessoal de universitários.

Desde a implantação do sistema de cotas em 2003 o perfil do estudante universitário vem mudando, a Universidade Pública está aparentemente mais próxima daqueles que estudaram em escolas públicas, oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo e povos indígenas. Acreditamos que a política de ações afirmativas através do sistema de reserva de vagas pode contribuir para a concretização de sonhos de mobilidade social, tanto dos estudantes universitários como de seus familiares, respeitando efetivamente as diferenças.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Estamos num momento entre o nada e o tudo, o “ainda não”, como refere Santos (2007, p. 37). Existem problemas e dificuldades, mas também há esperança de que a partir desta vivência com a diversidade e compartilhamento de experiências, os horizontes serão ampliados e poderemos caminhar para uma universidade e uma sociedade mais democrática. Porque segundo Magnani (1998, p.13) diversidade cultural não é somente uma soma de usos e costumes, mas um processo contínuo de trocas intensas proporcionadas pelos inúmeros padrões culturais que resultam em novos arranjos.

NOTAS:

¹ Hamza (forte)/ Ciências Contábeis; Dafina (valiosa, pedra preciosa)/ Direito; Haidar (forte, robusto)/ Engenharia Civil; Mayimuna (expressiva)/ Geografia; Mandisa(doce)/ Geografia; Moyo (vida, bem-estar, boa saúde)/ Educação Física; Lasana (poeta)/ Letras; Asantewaa (mulher guerreira)/ Biologia Marinha; Chenzira (garota ativa)/ Letras e Naila (que tem sucesso)/ Medicina Veterinária.

² Entende-se por bom desempenho acadêmico quando o estudante obtém a sua Taxa de Integralização Média (TIM) igual ou superior a 50% da Taxa de Integralização Média (TIM) do respectivo Curso. O cálculo da TIM do Estudante se dá por meio da soma do número de créditos aprovados no curso (obrigatórios e eletivos) dividido pelo número de matrículas realizadas. A Taxa de Integralização Média (TIM) do Curso é obtida pela soma do número de créditos total do curso dividido pelo número total de semestres. Esse critério foi estabelecido na Resolução nº 27/2003 do CEPE/ UFRGS.

³ Mede o grau de desigualdade na distribuição da renda domiciliar per capita entre os indivíduos. O valor pode variar de zero, quando não há desigualdade (as rendas de todos os indivíduos têm o mesmo valor), até 1, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade e a renda de todos os outros indivíduos é nula). Fonte: http://www.brasil.gov.br/sobre/economia/indicadores/disoc_rdcg/indicadorview. Acesso em 06/07/2013.

⁴ O Decreto no. 4228, aprovado em 2002, institui no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa Nacional de Ações Afirmativas, sob a coordenação da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, que contemplará, entre outras medidas administrativas e de gestão estratégica, a garantia da realização de metas percentuais de participação de afrodescendentes, mulheres e pessoas portadoras de deficiência no preenchimento de cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores – DAS; a inclusão, nos termos de transferências negociadas de recursos, de cláusulas de adesão ao Programa; a observância, nas licitações promovidas por órgãos da Administração Pública Federal, de critério adicional de pontuação, a ser utilizado para beneficiar fornecedores que comprovem a adoção de políticas compatíveis com os objetivos do Programa; e a inclusão, nas contratações de empresas prestadoras de serviços, bem como de técnicos e consultores no âmbito de projetos desenvolvidos em parceria com organismos internacionais, de dispositivo estabelecendo metas percentuais de participação de afrodescendentes, mulheres e pessoas portadoras de deficiência. <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/99359/decreto-4228-02> - Acesso em 28/03/2010.

⁵ Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) tem como objetivo investir na educação básica, ou seja, investir na educação profissional e na educação superior porque elas estão ligadas, direta ou indiretamente. Significa também envolver os pais, estudantes, professores e gestores, em iniciativas que busquem o sucesso e a permanência do estudante na escola. http://pde.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=115&Itemid=136

⁶ REUNI: Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, tem como principal objetivo dotar as universidades federais das condições necessárias para a ampliação do acesso e permanência dos estudantes na educação superior. Com



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

duração prevista de cinco anos, o Reuni vai distribuir R\$ 2 bilhões entre as universidades. Em contrapartida, as instituições devem melhorar a qualidade dos cursos de graduação, a infraestrutura física e os recursos humanos. http://pde.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=167:reuni&catid=27:educa-superior&Itemid=193

⁷ PNAES: Plano Nacional de Assistência Estudantil, aprovado em dezembro de 2007, apóia a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de Ensino Superior (Ifes). O objetivo é viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12302&Itemid=607 acesso 28/03/2010.

⁸ A Lei [12.711/2012](#), de 29 de agosto de 2012 - Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. E o Decreto nº [7.824/2012](#), de 11 de outubro de 2012 - Regulamenta a Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012. Existe ainda a [Portaria normativa nº 18](#), do Ministério da Educação (MEC), de 11 de outubro de 2012, que dispõe sobre a implementação das reservas de vagas em instituições federais de ensino de que tratam a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, e o Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012.

⁹ Suposto cotista porque ele era negro e após a implantação do sistema de cotas basta ser negro para ser identificado como cotista na universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONANNO, G.A. **Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events.** American Psychologist, 59, 2004.

GUIMARÃES, A S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 1000. 238 p.

GUIMARÃES, A S. A. In: Marques, F. **Ação afirmativa em debate.** Revista FAPESP, abril 2008, edição impressa 146.

JUNQUEIRA, M.F.P. da S., Deslandes, S.F. **Resiliência e maus-tratos à criança.** Cadernos da Saúde Pública, v. 19, no,1, RJ, jan/fev, 2003.

LEITÃO, Débora Krische; PINHEIRO MACHADO, Rosana (Org.). **O luxo do luxo e o povo do luxo: consumo e valor em diferentes esferas sociais no Brasil.** In: LEITÃO, D. K. et al (Org) Antropologia & Consumo: diálogos entre Brasil e Argentina Antropologia. 1 ed. Porto Alegre: AGE, 2006, v. 1.

LIMA, M., 1999. **O quadro atual das desigualdades.** In: *Cor e Estratificação Social* (C. Hasenbalg, N. V. Silva & M. Lima, org.), pp. 231-240, Rio de Janeiro: Contracapa.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

MAGNANI, J.G.C. **Transformações na Cultura Urbana das grandes metrópoles.** Sociedade Global: Cultura e Religião. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

_____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, no. 49. São Paulo, jun/ 2002.

McCUBBIN, H. I.; McCUBBIN, M. A. **Typologies of resilient families: emerging roles of social class and ethnicity.** *Family Relations*, 37, 247-254, 1988.

MASTEN, A.S.; GARMEZY, N. **Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology.** In: Lahey BB, Kazdin AE, editors. *Advances in clinical child psychology*. Vol. 8. New York: Plenum Press; 1985. p. 1-52.

NERY, P.R.A. **O passeio à prainha: estudo antropológico do consumo de prazer nas classes populares.** Revista Ciências Humanas, v.1, n.2, jul/ 2001.

NOGUEIRA, M.A. CATANI, A. In: **Pierre Bourdieu – Escritos de Educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

NOGUEIRA; NOGUEIRA. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições.** Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 78, Abril/2002.

OLIVEN, A.C. **Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil.** Educação (Porto Alegre), Porto Alegre - RS, v. 61, p. 29-51, 2007.

QUEIROZ, D.M. **Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras.** Salvador: Uneb, 2006, (mimeo).

ROEDIGER, In: BOWEN, William G.; BOK, Derek. **O Curso do Rio: Um estudo sobre ação afirmativa no acesso à universidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, B.S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SILVA, M.H.R. da. **Mulheres negras no mercado de trabalho: empregadas domésticas.** Caderno espaço feminino, 2006, v. 16, n. 19.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

SILVA, M. N. da. **A mulher negra**. Revista Espaço Acadêmico, Ano II, no. 22, março 2003 – mensal. <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>

SILVA, A.N. da. **Famílias especiais: resiliência e deficiência mental**. PUC/RS - Porto Alegre, 2007. 105 f. Dissertação de Mestrado.

SOUZA E SILVA, J. **Por que uns e não outros: caminhada de jovens pobres para a universidade**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WALSH, F. **The concept of family resilience: crisis and challenge**. Family Process, v.35, n. 3. 1996.

_____. **Strengthening family resilience**. New York: The Guilford, 1998.

YUNES, M.A.M. **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção**. 2003. <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/rescap2.pdf>

YUNES, M.A.M. **Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família**. Versão revisada de artigo publicado na revista *Psicologia em Estudo*, 8 (número especial), 75-84, em 2003. <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/rescap2.pdf> Acesso em 07/02/2011.